

Histórias, vivências e diálogos: processos de subjetivação da docência

Ana Paula Menezes Andrade¹
Sydna Meire Faustino Feliciano²

Resumo

No presente texto propomos uma reflexão acerca dos processos de subjetivação da docência que são construídos a partir das histórias, vivências e diálogos na carreira dos professores. Pretendemos, pois, a partir de um ensaio teórico, pensar e discutir os processos de subjetivação docente a partir das suas vivências e das reflexões sobre os pensamentos de Foucault sobre subjetividade. Com o objetivo de compreender os processos de subjetivação docente, temos como pergunta norteadora: Como são construídos os processos de subjetivação da docência? Por meio de uma pesquisa de abordagem qualitativa, inspirada na pesquisa narrativa, utilizamos para fundamentação teórica as contribuições dos autores: Foucault (1982, 2004), Nóvoa (1992), Tardif (2014), Souza (2015) e Scoz (2015). Observamos que os conceitos de Foucault a respeito do cuidado de si mesmo e do conhece-te a ti mesmo interessam ao campo das pesquisas a respeito dos saberes docentes, já que contribuem com políticas de formação docente mais adequadas.

Palavras-chave: Docência. Subjetividade. Vivências.

Abstract

In the present text we propose a reflection on the processes of subjectivation that are built from the stories, experiences and dialogues in the teachers' career. We intend, therefore, based on a theoretical essay, to think and discuss the processes of teachers subjectivity based on Foucault's thoughts on subjectivity. In order to understand the processes of teachers subjectivation, we have as a guiding question: How are the processes of subjectivation of teachers constructed? Through a qualitative approach, inspired by narrative research, we used for theoretical foundation the contributions of the authors: Foucault (1982, 2004), Nóvoa (1992), Tardif (2014), Souza (2015) and Scoz (2015). We observed that Foucault's concepts about self-care and knowing yourself are of interest to the field of research on teaching knowledge, as they contribute to more adequate teacher training policies.

Keywords: Teaching. Subjectivity. Experiences.

¹ Doutoranda – PPGHCA (UNIGRANRIO) – E-mail: anaap@unigranrio.br

² Doutoranda – PPGHCA (UNIGRANRIO)

Introdução

Ao pensarmos no papel do professor, imediatamente imaginamos sua figura em atividade de sua profissão dentro da sala de aula, como a atividade mais importante dentro do contexto escolar. Porém, o fazer docente não se limita somente à prática pedagógica visível, precisamos reconhecer e dar significado a outras dimensões menos evidentes que são tão importantes quanto o fazer pedagógico.

Precisamos reconhecer o professor como sujeito com suas subjetividades, e que a docência não é específica da sala de aula, ela também acontece em outros espaços. A subjetividade é produzida através de diferentes experiências, inúmeras vivências, diversas linguagens em diferentes contextos, por isso, não podemos limitar a docência exclusivamente à prática pedagógica. Este é o objetivo deste texto: Compreender os processos de subjetivação docente em diferentes contextos, analisando como o termo subjetividade aparece nas pesquisas de Foucault (1982, 2004), para quem o termo, grosso modo, se refere ao modo pelo qual o sujeito faz a experiência de si mesmo. Ainda pretendemos trazer os estudiosos do campo dos saberes docentes como Tardif (2014), Nóvoa (1992) e Souza (2015) e Scoz (2015).

Assim, primeiro, promoveremos uma reflexão sobre o ofício docente, histórias, vivências e suas subjetividades e, segundo, faremos uma discussão sobre subjetivação docente a partir de algumas reflexões sobre Foucault e a subjetividade.

Subjetividade docente

Antes de aprofundarmos nossas reflexões acerca dos processos de subjetivação da docência, achamos pertinente fazer uma breve análise sobre a palavra subjetividade que tem sido muito mencionada em artigos, dissertações e teses na área de conhecimento de educação e de ensino, conforme busca realizada no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes.

De acordo com dicionário on-line, a palavra subjetividade refere-se à qualidade de subjetivo, individual, particular; relativo ou próprio do indivíduo. Qualidade do que expressa pontos de vista e julgamentos de valor da própria pessoa, seus sentimentos e preferências. Para Foucault, o termo subjetividade refere-se ao modo pelo qual o sujeito faz a experiência de si mesmo e de acordo com Souza (2015):

O uso do termo “subjetividade”, que não é exclusivo do enfoque histórico-cultural, é uma expressão polissêmica, por isso importa compreender o uso que se faz do termo e as concepções que a ele subjazem, pois a própria palavra é perpassada por uma história com diferentes apreensões de seu significado. Além disso, a noção de subjetividade rompeu com os limites dos trabalhos acadêmicos e se inseriu no cotidiano das pessoas, constituindo uma expressão de senso comum associada ao “mundo interior” e àquilo que é específico de cada pessoa.

Dessa forma, compreendemos que a subjetividade docente, como a de qualquer outro, constitui-se na relação dialógica, tecida em conjunto, através dos processos históricos e culturais, da sua história pessoal e singular como sujeito em diferentes contextos, uma vez que o professor é uma pessoa “comum” constituída de pensamentos, vontades, emoções, valores, linguagens, desejos, problemas, histórias, vivências, etc.

É válido destacar que a relação entre o professor e o aluno também contribui na formação da subjetividade docente, uma vez que as relações tecidas no contexto escolar geram e despertam diversos sentimentos no professor, e esses podem ser positivos ou negativos a partir das expectativas que o professor tem em relação ao aluno ou à turma num todo.

Muitas vezes, os conteúdos a serem ensinados e aprendidos não contemplam os conhecimentos considerados ideais pelo professor conforme organizou em seu planejamento e isso reflete diretamente tanto na sua formação como profissional quanto na sua formação pessoal, pois uma coisa está ligada a outra. Não tem como separar o “eu professor” do “eu pessoa”. Como afirma Souza (2015), os professores não são técnicos que executam atividades programadas, tampouco vocacionados que atuam por forças transcendentais, mas sujeitos complexos em constituição.

Deste modo, compreende-se que o processo de subjetivação docente é contínuo, que vai se estabelecendo através das relações pessoais e profissionais (conforme vão acontecendo as experiências de aprendizagens), que podem se modificar de acordo com as ações, reflexões, diálogos e histórias que acontecem no cotidiano ao qual estão inseridos.

É importante ressaltar que muitas vezes a compreensão do trabalho docente está relacionada e limitada ao fazer pedagógico em sala de aula, a prática, a dar aula. Porém, sabemos que a profissão docente, na conjuntura atual, não pode e não deve se restringir as atividades específicas do trabalho didático. Para além das salas de aula há muitas atividades que são desenvolvidas pelo professor, e esse deve participar das tomadas de decisões em todas as esferas que constituem o seu trabalho, mobilizando os seus diversos saberes. Pode-se definir o saber docente como o saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais (TARDIF, 2014).

Assim, a construção dos saberes docentes está relacionada a questões subjetivas e objetivas que se dão a partir dos estudos, das formações, do trabalho e das relações pessoais que são estabelecidas entre quem ensina e quem aprende. A formação e o desenvolvimento profissional entrelaçam-se em um intrincado processo, a partir do qual a “professoralidade” vai se construindo pouco a pouco. O saber-saber e o saber-fazer da profissão não são dados a priori, mas arduamente conquistados ao longo da carreira docente. (ISAIA; BOLZAN, 2009).

Os conhecimentos pedagógicos, científicos e as metodologias sustentam a prática docente, mas o processo formativo dos professores deve considerar a formação humana do docente, uma vez que aprender é um processo que acontece durante toda a vida e as subjetividades são constituídas através da inserção e da relação do docente com o mundo e com seus pares, numa relação dialógica com as histórias, vivências, experiências, linguagens, culturas de outras pessoas, sejam elas docentes, alunos ou não.

A subjetividade pode ser compreendida como algo em construção, com base nos sentidos que os sujeitos vão produzindo na condição singular em que se encontram inseridos em suas trajetórias de vida e, ao mesmo tempo, em suas diferentes atividades e formas de relação. Assim, é o resultado das complexas sínteses das experiências individuais dos sujeitos em diferentes contextos de expressão. (SCOZ, 2008, p. 1)

Dessa forma, devemos considerar que a subjetividade é uma construção individual e social, pois

As subjetividades social e individual constituem dois níveis que se integram na definição qualitativa do sujeito e que, ao mesmo tempo, são momentos constantes de tensão e contradição que atuam como força motriz do desenvolvimento de ambas as instâncias da subjetividade. (SOUZA, 2015, p.4)

Assim, entendemos que as subjetividades individual e social acontecem de maneira simultânea. Uma vai compondo a outra de acordo com as vivências, com as relações, de uma forma dialética. Para González Rey (2010, p.24), a subjetividade só pode ser compreendida se tomada como fenômeno que se apresenta tanto numa dimensão singular como numa dimensão coletiva, dimensões que se articulam e tensionam.

A subjetividade em Foucault

Foucault (1982) trata das relações históricas entre subjetividade e verdade. De fato, o autor faz um apanhado geral dos conceitos que trataria com alunos seus durante todo um curso, a saber: sobre as origens dos estudos sobre a subjetividade e dos conceitos que histórica e filosoficamente estiveram num embate até que chegássemos a conhecer o entendimento da subjetividade como vemos hoje.

Foucault (1982) explica relações a respeito da noção do “cuidado de si mesmo” e do “conhece-te a ti mesmo”, que são os dois conceitos através dos quais ele trata da subjetividade.

Sobre o conhece-te a ti mesmo, Foucault esclarece que este conceito foi inscrito nos grandes centros da vida grega e da própria comunidade humana, apesar de não traduzir a questão da subjetividade tal qual conhecemos hoje.

Para Foucault, o “conhece-te a ti mesmo” ou como ele bem explica, a expressão *gnôthi seautón*, se refere muito mais ao sujeito reconhecer seu lugar de existência. Tinha muito mais a ver com o saber o que se desejava, com o saber qual era o seu objetivo em relação a sua própria existência. Contudo, é um princípio que está atrelado ao princípio do cuidado de si mesmo, o *epiméleia heautoû*, numa relação de subordinação, ou, talvez, como parte integrante deste princípio. Dessa forma, Foucault (1982) explica existir um longo período de tempo no qual o conceito do *epiméleia heautoû*, o cuidado de si mesmo perdurou na história da filosofia.

Contudo, conforme o autor descreve, houve mais recentemente uma espécie de desvalorização do conceito do cuidado de si mesmo tendo em vista um momento histórico a que o autor denomina, ainda que hesitantemente, “momento cartesiano”.

Embora admita que antes disso ocorreu que

... em todo o pensamento antigo de que lhes falo, seja em Sócrates, seja em Gregório de Nissa, "ocupar-se consigo mesmo" tem sempre um sentido positivo, jamais negativo. Ademais - paradoxo suplementar - é a partir desta injunção de "ocupar-se consigo mesmo" que se constituíram as mais austeras, as mais rigorosas, as mais restritivas morais, sem dúvida, que o Ocidente conheceu [...] Temos, pois, o paradoxo de um preceito do cuidado de si que, para nós, mais significa egoísmo ou volta sobre si e que, durante tantos séculos, foi, ao contrário, um princípio positivo, princípio positivo matricial relativamente a morais extremamente rigorosas. Outro paradoxo que também é preciso evocar a fim de explicar a maneira como esta noção de cuidado de si de certo modo perdeu-se um pouco na sombra, está em que esta moral tão rigorosa, advinda do princípio "ocupa-te contigo mesmo", estas regras austeras foram por nós retomadas e efetivamente aparecerão ou reaparecerão, quer na moral cristã, quer na moral moderna não-cristã. Porém, em um clima inteiramente diferente. Estas regras austeras, cuja estrutura de código permaneceu idêntica, foram por nós reaclimatadas, transpostas, transferidas para o interior de um contexto que é o de uma ética geral do não-egoísmo, seja sob a forma cristã de uma obrigação de renunciar a si, seja sob a forma "moderna" de uma obrigação para com os outros - quer o outro, quer a coletividade, quer a classe, quer a pátria, etc. Portanto, todos estes temas, todos estes códigos do rigor moral, nascido que foram no interior daquela paisagem tão fortemente marcada pela obrigação de ocupar-se consigo mesmo, vieram a ser assentados pelo cristianismo e pelo mundo moderno numa

moral do não-egoísmo. É este conjunto de paradoxos, creio, que constitui uma das razões pelas quais o tema do cuidado de si veio sendo um tanto desconsiderado, acabando por desaparecer. (FOUCAULT, 1982, p. 17-18)

Ou como resume:

... houve uma profunda transformação nos princípios morais na sociedade ocidental. Nós acreditamos ser difícil basear moralidade rigorosa e princípios austeros no preceito de que devemos cuidar de nós mesmos mais do que qualquer outra coisa no mundo. Estamos mais inclinados a entender o cuidado de si como imoralidade, como uma forma de escapar de todas as regras possíveis. Herdamos a tradição da moralidade cristã que faz da renúncia de si condição para a salvação. Conhecer a si mesmo era paradoxalmente o caminho para a renúncia de si. (FOUCAULT, 2004, p. 328)

Foucault (1982, 2004) explica a distância conceitual entre o *epiméleia heautoû* (o cuidado de si) e o procedimento cartesiano que firmava o conhece-te a ti mesmo como meio de acesso fundamental à verdade.

... o momento cartesiano requalificou filosoficamente o *gnôthi seautón* (conhece-te a ti mesmo). Com efeito, e nisto as coisas são muito simples, o procedimento cartesiano, que muito explicitamente se lê nas "Meditações", instaurou a evidência na origem, no ponto de partida do procedimento filosófico - a evidência tal como aparece, isto é, tal como se dá, tal como efetivamente se dá à consciência, sem qualquer dúvida possível [*]. [É, portanto, ao] conhecimento de si, ao menos como forma de consciência, que se refere o procedimento cartesiano. Além disto, colocando a evidência da existência própria do sujeito no princípio do acesso ao ser, era este conhecimento de si mesmo [...] que fazia do "conhece-te a ti mesmo" um acesso fundamental à verdade. Certamente, entre o *gnôthi seautón* socrático e o procedimento cartesiano, a distância é imensa. Compreende-se, porém, por que, a partir deste procedimento, o princípio do *gnôthi seautón* como fundador do procedimento filosófico, pôde ser aceito, desde o século XVII, portanto, em certas práticas ou procedimentos filosóficos. Mas, se, pois, o procedimento cartesiano, por razões bastante simples de compreender, requalificou o *gnôthi seautón*, ao mesmo tempo muito contribuiu, e sobre isto gostaria de insistir, para desqualificar o princípio do cuidado de si, desqualificá-lo e excluí-lo do campo do pensamento filosófico moderno. (FOUCAULT, 1982, p. 18-19)

Retomando um pouco do pensamento do autor para aquilo que queremos aqui, valorizar, que é a noção do cuidado de si mesmo, vemos que o autor mostra

a existência de uma formulação filosófica precoce do tema (do cuidado de si mesmo) desde o século 5 a. C. Nesse sentido, são três os fatores importantes a serem considerados.

Primeiramente, o conceito do cuidado de si mesmo se refere a uma atitude para consigo, para com os outros e para com o mundo. Em segundo lugar, é preciso converter o olhar do exterior para si mesmo, é preciso estar atento ao que se passa no próprio pensamento. E, por último, o conceito do cuidado de si mesmo designa ação, ação para consigo mesmo, ações por meio das quais o próprio sujeito se transforma de acordo com suas próprias necessidades.

Interessante reconsiderar a essência do conceito do cuidado de si mesmo, tendo em vista o que o próprio Foucault (1982) explicou: que num dado momento da história fomos expostos a regras austeras que transformaram a noção do cuidado de si mesmo em algo negativo e fomos incentivados a aderir a uma “ética geral do não-egoísmo”, seja em prol de uma relação coletiva, de uma obrigação para com os outros, para com a coletividade, para com a pátria, ... Regras estas que foram assentadas pelo cristianismo, bem como pela moral do mundo moderno.

A subjetividade de Foucault e a docência

Ao escrever sobre a formação dos professores portugueses, Nóvoa (1992) mostra, numa perspectiva histórica, que após a igreja ter perdido o monopólio sobre o ensino por causa do movimento republicano, o Estado passou a exercer formas de avaliação e de controle sobre o sistema de ensino que se formava, criando condições para a profissionalização docente:

Ao longo do século XIX consolida-se uma imagem do professor, que cruza as referências ao magistério docente, ao apostolado e ao sacerdócio, com a humildade e a obediência devidas aos funcionários públicos, tudo isto envolto numa auréola algo mística de valorização das qualidades de relação e de compreensão da pessoa humana. Simultaneamente, a profissão docente impregna-se de uma espécie de entre-dois, que tem estigmatizado a história contemporânea dos professores: não devem saber de mais, nem de menos; não se devem misturar com o povo, nem com a burguesia; não devem ser pobres, nem

ricos; não são (bem) funcionários públicos, nem profissionais liberais; etc. (NÓVOA, 1992, p. 2)

Cria-se uma imagem do docente que nem é a do profissional autônomo, nem é a do sacerdote. O Estado dita em que patamar esse professor deve estar para que, no exercício de sua tarefa não faça além do necessário, já que tem nas mãos uma grande massa de estudantes.

Até aí se exerce sobre esses professores, muitos ainda quase leigos, um controle administrativo que dita o que deve e o que não deve ser feito e como pode ser feito, contudo o Estado se vê obrigado a ofertar escolas de formação docente que, a descontento, passam a se transformar em espaços de reflexão da prática pedagógica, obrigando o Estado a mudar a estratégia de controle.

A 1ª República criou as condições políticas para uma agudização do conflito acerca do estatuto da profissão docente. A ambição republicana de "formar um homem novo" concedeu aos professores um papel simbólico de grande relevo: só no contexto de um maior prestígio, qualificação e autonomia era possível desempenharem-se desta missão; mas o que estava em jogo era demasiado importante para que o Estado abdicasse de uma intervenção persistente. (NÓVOA, 1992, p. 3)

Então acontece “A passagem de um controlo administrativo a um controlo ideológico e os inúmeros conflitos políticos no seio das escolas normais ilustram bem a presença do Estado no campo educativo...” (NÓVOA, 1992, p. 3-4)

Esta exposição é para iniciar uma conversa sobre a formação docente e sobre o lugar social que ocupa a profissão docente. Em idas e vindas sobre a historicidade da profissão diante de uma sociedade em mudança, o autor vai destacando como de uma forma ou outra existe um antagonismo entre a necessidade do Estado de manter a “ordem” e a necessidade do professorado por alcançar a autonomia que parece existir nos novos moldes dos sistemas de ensino.

Diante deste quadro, muitas ações do Estado marcaram a profissão docente, especificamente sua degradação sócio-profissional e econômica. O que gestou uma categoria de profissionais sempre em disputa com o Estado através de suas organizações sindicais.

Contudo, tratamos aqui da questão da subjetividade docente, especialmente a subjetividade tratada por Foucault (1982). Ora, em tudo o que tratamos até agora vemos que a evolução histórica da profissão docente e sua formação somente aconteceu diante de uma evolução que é, antes de tudo, subjetiva.

No mesmo texto, Nóvoa segue explicitando que a formação do professor passa primeiro pela formação do próprio sujeito que se forma conforme vemos em Foucault em relação ao conceito do “cuidado de si”. Conforme mostra Nóvoa: “Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projectos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional.” (NÓVOA, 1992, p. 13)

O autor mostra que

O professor é a pessoa. E uma parte importante da pessoa é o professor (Nias, 1991). Urge por isso (re)encontrar espaços de interacção entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriar-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro das suas histórias de vida. (NÓVOA, 1992, p. 13)

E segue defendendo que a formação docente só será eficiente se permitir um movimento de crítica e reflexão sobre a prática pedagógica e produzir sentido diante da experiência de vida e que deve, também, se encerrar na coletividade, tendo em vista que:

Não se trata de mobilizar a experiência apenas numa dimensão pedagógica, mas também num quadro conceptual de produção de saberes. Por isso, é importante a criação de redes de (auto)formação participada, que permitam compreender a globalidade do sujeito, assumindo a formação como um processo interactivo e dinâmico. A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando. (NÓVOA, 1992, p. 14)

Assim, percebemos algumas questões de Foucault (1982) que interessam ao campo de pesquisa a respeito da formação de professores: Em relação ao “conhece-te a ti mesmo”, vemos que não se trata simplesmente de ter claro o

que desejamos ou aonde desejamos chegar e, em relação ao “cuidado de si mesmo”, entendemos que se trata de um conceito que precisa ser reconhecido, trazido de volta ao uso para que seja compreendido e para que sirva de suporte para a compreensão dos processos formativos docentes na atualidade.

Considerações finais

Em nossas considerações, destacamos que o fazer docente não se limita somente à prática pedagógica visível e que a docência não acontece somente na sala de aula. Ainda, percebemos que a subjetividade é produzida através de diferentes experiências, inúmeras vivências, diversas linguagens em diferentes contextos da vida do professor.

De modo que, durante nossas reflexões, buscamos compreender os processos de subjetivação docente em diferentes contextos, analisando como o termo subjetividade aparece nas pesquisas de Foucault (1982, 2004).

Nesse sentido, pode-se dizer que os professores refletem diferentes aspectos do mundo em que vivem e que, a partir disso, constituem suas subjetividades. Vimos que é preciso ver os professores não como seres abstratos, ou essencialmente intelectuais, mas como seres essencialmente sociais, com suas identidades pessoais e profissionais, imersos numa sociedade na qual partilham cultura. (SOCZ, 2015).

Por fim, compreendemos que os processos de formação docente estão imbricados numa visão de subjetividade que, como Foucault defende, está baseada no conceito do cuidado de si mesmo e que vai dar conta, antes de qualquer coisa, da formação docente como ser humano.

Referências

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**, 1982.

_____. **Tecnologias de si**. **Verve**, n. 6, 2004.

ISAIA, S. M.A.; BOLZAN, D.P.V. **Construção da profissão docente/professoralidade em debate: desafios para a educação superior**. In:

CUNHA, M.I **Reflexões e práticas em Pedagogia universitária**. Campinas: Papyrus, 2007. p.162-177. (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico).

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. Disponível em https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD_A_Novoa.pdf

SCOZ, Beatriz. **Subjetividade de professoras/es: sentidos do aprender e do ensinar**. Psic. da Ed., São Paulo, 2008.

SOUZA, Irene G.C. **Subjetividade docente: a singularidade constituída na relação entre professor e a escola**. USP/SME-SP.2015.

SUBJETIVIDADE. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/subjetividade/>. Rio de Janeiro:7Graus, 2022. Acesso em 28/07/2022.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.